

anarquia e maio de 1968 na França

josé maria carvalho ferreira

Passados que são 50 anos sobre o acontecimento histórico de Maio de 1968 em França, vários fatores de análise são hoje possíveis contextualizar, compreender, interpretar e explicar. Para além das mundivivências políticas, sociais, econômicas, culturais e ideológicas que atravessaram Maio de 68 em França, em termos de causas e efeitos, não são de menosprezar todos os aspectos precedentes que estiveram, em grande medida, na sua origem. Por outro lado, na sua essencialidade, é imperioso descortinar do conteúdo dos conflitos e das contradições que deram azo à erupção de reivindicações e mudanças de cariz revolucionário que ultrapassaram, em grande escala, os limites normativos e institucionais dos partidos e sindicatos clássicos inscritos nos parâmetros da democracia representativa das sociedades capitalistas. Pode-se e deve-se equacionar a natureza das contingências dos prolongamentos históricos do Maio de 1968, em França, nas sociedades contemporâneas onde o capitalismo atingiu maior desenvolvimento.

José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no SOCIUS/ISEG, na Universidade de Lisboa, Portugal. Contato: jmc@iseg.utl.pt.

Nem sempre é pacífico construir cenários analíticos onde persista uma correlação estreita entre o Maio de 1968 em França e o que podemos denominar, etimologicamente, de anarquia. Não obstante essa dificuldade perceptiva analítica e ideológica, o discernimento sobre esse cenário revela-se sintomático se articularmos o processo revolucionário de Maio de 1968 com a emergência singular de diferentes expressões anarquistas nas cidades e Paris, Lyon, Bordéus, Nantes, Marseille, Toulouse, etc. Fenômenos culturais de crítica ao Estado e ao capitalismo, experiências autogestionárias e de auto-organização nas fábricas, liceus, universidades, movimentos sociais espontâneos emergentes nas ruas e avenidas, e a conseqüente construção de barricadas com o intuito de desenvolver um processo insurrecional contra a polícia e o poder estatal, são disso uma prova insofismável. Não se pode afirmar que os anarquismos no sentido etimológico e mais representativos da anarquia tenham sido o anarcossindicalismo e o anarcocomunismo, nem tampouco o municipalismo libertário. No meu entendimento, e sobretudo no movimento estudantil que emergiu ali, o Maio de 1968 em França estava mais pautado por exigências de mudança cultural e de valores nas relações entre homem e mulher, de luta contra a burocracia estatal e a opressão e exploração capitalista. Deduz-se que a maioria destas opções, simbolicamente anarquistas, decorriam do anarco-individualismo e do anarconaturismo, não esquecendo, bem entendido, alguns aspetos espontaneístas antiorganizacionais, do federalismo e da autogestão proudhoniana.

Não é de modo algum negligenciável discernir sobre a atualidade do Maio de 1968 em França pensando, sempre

como é que o mesmo se repercutiu desde então nos espaços-tempos de outras sociedades contemporâneas, quer como tentativas de construção de um modelo de sociedade singular, quer ainda como espaço-tempo de confronto e de alternativas ideológicas revolucionárias no sentido da estruturação de movimentos sociais, partidos e sindicatos com a pretensão de se constituírem como vanguardas revolucionárias.

Em função do que foi introduzido para a elaboração deste artigo, posso deduzir que é sintomático estruturá-lo do seguinte modo: 1) antecedentes históricos que estiveram na origem de Maio de 1968 em França; 2) Maio de 1968 em França e a emergência do anarquismo; 3) prolongamentos do Maio de 1968 francês nas sociedades contemporâneas.

antecedentes históricos que estiveram na origem de maio de 1968 em França

Se bem que possamos analisar o Maio de 1968 em França com base na sua singularidade específica inscrita na sua genuinidade revolucionária, em quaisquer circunstâncias persistem sempre as precedências de aprendizagem e de aculturação históricas que estimularam todo o processo revolucionário nas suas múltiplas dimensões. Em termos de causas e efeitos dos fenômenos sociais, econômicos, políticos, culturais, ideológicos e religiosos, é pacífico perceber o seu impacto, a sua emergência e generalização nas metrópoles coloniais e países capitalistas mais desenvolvidos.

Entre os vários fatores longínquos que estão em estreita correlação causal com a natureza do Maio de 68 em França, destaque-se as consequências mortíferas da utilização de armamento nuclear, com dezenas de milhões de mortes e estropiados causados pela Segunda Guerra Mundial entre 1939-1945. De seguida e em sintonia com esta realidade é criado um movimento social de oposição a essa tragédia histórica da humanidade polarizado à volta da *beat generation* nos EUA, assumindo-se como movimento contracultural, contra a guerra e a destruição do planeta Terra, e tomando, por outro lado, a defesa dos vigaristas, toxicodependentes, dos loucos, dos vadios, dos pequenos ladrões, dos marginais e contestatários da moral e da ética vigentes. As incidências das leituras de autores como Jack Kerouac (*On the Road*, 1951; *The Dharma Burns*, 1958) e Allen Ginsberg (*Howl and Other Poems*, 1956; *Kaddish and Other Poems*, 1961; *Empty*, 1961) propagam-se com extrema acuidade junto dos estudantes universitários, na juventude e nos círculos intelectuais e artísticos, culminando, muitas vezes, pela sua originalidade, numa série de pressupostos de contestação no seio dos países capitalistas mais desenvolvidos, entre as quais a França.

Logo após terminar a Segunda Guerra Mundial, as lutas pela independência nacional dos países colonizados contra as grandes metrópoles coloniais tornou-se o grande desiderato histórico da emancipação dos povos que eram objeto da escravidão e da exploração colonial. Este movimento independentista, se bem que tinha a sua expressão máxima nos continentes africano e asiático, e por essa razão tenha tido as suas implicações gravosas com o império colonial francês, não obstante as suas incidências políticas, sociais, militares, económicas e políticas gravosas

foram sentidas, crucialmente, com o advento da guerra da Argélia.

Consequentemente, esta guerra, que ocorreu entre 1954 e 1962 e se traduziu numa série de milhares de mortos, de contradições e conflitos entre a França e a Argélia, depressa emergiu para um conjunto de dissensões na sociedade francesa, nomeadamente, por parte de uma juventude que opinava contra as perversões causadas pela guerra da Argélia. No cômputo geral, estima-se que morreram entre 300.000 e 1.000.000 de argelinos nesta guerra e que cerca de 3.000.000 foram enviados para campos de reagrupamento (de uma população de 10.000.000 de argelinos). As mazelas ideológicas e políticas decorrentes da ação do Estado francês, sobretudo no que se reporta aos aspectos coloniais, despóticos e burocráticos, ficaram doravante inculcadas no espírito contestatário da juventude francesa, principalmente aquela que sofria as vicissitudes mais gravosas da exploração e da opressão vividas nos campos de guerra, nas fábricas e nos campos, ao ponto de ter também consequências lógicas no movimento social de Maio de 1968 em França.

Das guerras que tiveram maior impacto ideológico e militar nos EUA e nos países capitalistas mais desenvolvidos da Europa Ocidental, a Guerra do Vietnã foi, sem dúvida alguma, a que maior despertou animosidade e identidade universal, quer pelos países que já eram comunistas (URSS, China, Cuba, etc.), quer pelos partidos comunistas do mundo inteiro que seguiam os passos do modelo soviético e de ideologia mais esquerdista, como eram os casos do maoísmo, trotskismo e guevarismo. A Guerra do Vietnã ocorreu entre 1959 e 1975, tendo envolvido países como o Vietnã do Sul e o Vietnã do Norte, o Laos e o Camboja.

Das estimativas que nos foram facultadas, o total de vietnamitas que foram mortos, civis ou militares, varia entre o mínimo de 900.000 e o máximo de 4.000.000. No que concerne os cambojanos, morreram cerca de 20.000, e entre os laocianos morreram 62.000. Entre os americanos contabilizaram-se 58.000 militares mortos, havendo ainda 300.000 feridos e 1.600 desaparecidos em 1975. Para os Estados Unidos, a Guerra do Vietnã transformou-se numa grande frustração histórica para sua hegemonia militar mundial, mas também no nível da supremacia ideológica e política que pretendiam assumir como modelo de sociedade democrática, ao mesmo que esta derrota militar provocou traumatismos emocionais e cognitivos com grandes reflexos na vida cotidiana dos que tinham participado diretamente na guerra.

Desta guerra emerge um movimento contracultural nos EUA que se repercute pela Europa Ocidental, países capitalistas mais desenvolvidos, inclusive na França, com incidências manifestas no Maio de 1968 em França. A contracultura da década de 1960 nos EUA resulta de um fenômeno cultural rebelde e subversivo, contrário aos costumes, valores e moral que orientavam a vida normativa dos indivíduos em múltiplos patamares de seu quotidiano. Os movimentos sociais contra a Guerra do Vietnã, a defesa de relações interpessoais balizadas pela liberdade entre homem e mulher, com especial incidência para a libertação desta no que concerne à prática do amor livre, a divisão social do trabalho, ambiente, valores morais, artísticos e estéticos tiveram a sua expressão máxima na década de 1960, num primeiro momento, nos Estados Unidos e no Reino Unido, espalhando-se depois pelo resto do mundo ocidental desenvolvido desde

a década de 1960 e meados dos anos 1970. Em abono da verdade sublinhe-se a importância dos movimentos cívicos dos afro-americanos nos EUA como pressuposto emancipalista universal relativamente aos povos e raças colonizados e escravizadas. O movimento social contracultural para além da mudança gerada na vida cotidiana em vários aspectos da liberdade e da criatividade relativamente à arte e estética do corpo, da paz, do amor e da amizade, traduziu-se num dispositivo motivacional modelar para participar num processo revolucionário em escala universal contra o capitalismo e o Estado.

Entre os vários modelos ideológicos defendidos pela militância dos estudantes que arrastaram o movimento social dos estudantes para uma relativa radicalização das lutas nas barricadas e na distribuição de propaganda revolucionária, encontram-se em primeiro lugar os maoístas, depois os trotskistas e, por último, os castristas e guevaristas.

De qualquer modo, a influência estruturante do maoísmo resultava muito da familiaridade e impacto que a revolução cultural chinesa exercia sobre o imaginário coletivo dos estudantes e da auréola da liderança exercida por Mao Tsé-Tung em todo esse processo. Em síntese, quer um elemento quer outro tinham o condão e o significado de personificarem o melhor método para a consecução da revolução comunista no planeta Terra. Por outro lado, para além do seu conteúdo, genuinamente revolucionário, estava isenta de espúrios contrarrevolucionários ou qualquer contradição reformista, como ocorria com a URSS. Para os devidos efeitos, a revolução cultural chinesa de 1966, sob a batuta do grande timoneiro Mao Tsé-Tung, é bastante elucidativa na destituição de todos os

contrarrevolucionários, eliminação e educação dos grupos sociais privilegiados, como foram os casos dos intelectuais, estudantes e funcionários contrarrevolucionários do PCC.

A revolução cultural na China, não obstante os seus dilemas de milhões de mortes e prisões, durou o tempo suficiente para que o Comitê Central do PCC (Partido Comunista Chinês) fosse objeto de grandes mudanças favoráveis à hegemonia do poder por parte de Mao Tsé-Tung e para que fosse, simultaneamente, criada uma estrutura militar e policial com poderes absolutos na sociedade chinesa. Em articulação estreita com essa estrutura militar e policial, foi editado *O Livro Vermelho*, que funcionava como uma autentica bíblia. A revolução cultural transformou-se, desse modo, numa religião, numa ideologia, numa estrutura militar e policial despótica, pronta a praticar o terror e a morte quando fosse útil. As atrocidades e os atropelos contra a dignidade humana levavam a que os Guardas Vermelhos prendessem, assassinassem, constrangessem nos planos psíquicos e físicos e, por essa via, obrigassem a confessarem o seu ódio e predisposição na luta contra os valores e ideologia da burguesia e do capitalismo.

Claro que esta opção ideológica maoísta revelou-se uma tremenda frustração histórica para aqueles que a tentaram aplicar na China entre 1966 e 1968. Não obstante, isso não impediu que durante a Revolução Cultural na China, segundo certas estimativas, fossem contabilizados cerca de 30 milhões de mortos. Este espírito de crítica radical que poder-se-ia exercer sobre esta tragédia humana na China, na altura era quase impossível exercê-la, com a exceção de certos meios anarquistas, marxistas radicais e sociais-democratas atentos às vicissitudes emancipalistas

dos processos revolucionários. No caso específico da grande maioria dos movimentos estudantis, quase sem exceção, importavam o modelo comunista chinês ou o modelo soviético da URSS. A importação destes modelos era feita de uma forma cega e religiosa, razão pela qual os estudantes franceses fossem mais propensos a copiar e a aderir ao modelo maoísta, porque mais potencialmente revolucionário e mais efetivo na luta contra a burguesia e o capitalismo.

Se contextualizarmos a natureza do capitalismo e do Estado em França no final da década de 1960, não teremos dificuldade em encontrar algumas similitudes com os Estados e capitalismo mais desenvolvidos na Europa Ocidental, como são os casos nos EUA, Japão, Canadá, Austrália, etc. Em todos eles subsiste o mesmo denominador comum: atingiram taxas de crescimento econômico e de Produto Interno Bruto bastante razoáveis, realidades geradoras do quase pleno emprego. Acresce a estes índices de evolução econômica, altas taxas de lucro do capital e uma distribuição de riqueza social propiciadora de uma relativa paz social. Por último, na estrita medida em que um tipo de capitalismo tinha respondido positivamente a uma grande parte das reivindicações históricas que o proletariado lhe tinha exigido, os pressupostos contraditórios, antagônicos e conflituais que estiveram na origem da erupção da revolução na URSS, em 1917, na China, em 1949, em Cuba, em 1959, revelavam-se obsoletos, razão pela qual a luta por esses modelos sociais e ideológicos não tenham mais validade heurística.

Toda esta realidade só começa a ser estruturada a partir do final da Segunda Guerra Mundial. O investimento

em máquinas-ferramentas, siderurgias, indústrias de automóvel, química, eletrônica; indústria espacial, petróleo, carvão, ferro, aço, cimento, vidro, etc., potenciam a expansão do capitalismo para patamares de crescimento e de desenvolvimento inauditos. Evidentemente que este é um processo histórico paulatino inserido nos “trinta gloriosos do capitalismo” (1945-1975), cujas características encerram um período hegemônico estruturante da economia real em relação a qualquer outro tipo de economia.

No caso específico das contingências dos “trinta gloriosos anos do capitalismo” verifica-se que as condições econômicas, assim como as relações de trabalho no seio das grandes empresas, primavam por salários baixos e altas cadências de esforço físico nas cadeias de montagem; verificava-se que a idade para atingir a aposentadoria era alta e o montante monetário mensal das mesmas eram bastante baixas. Diga-se, por outro lado, que as condições socioeconômicas dos imigrantes eram bastante desfavoráveis, não somente no que respeite ao nível dos salários como também às condições de trabalho.

Quando nos referimos ao Estado francês como uma das causas geradoras do Maio de 1968 em França, estamos sobretudo a cingir-nos a tudo aquilo que tem que ver com a tipologia de funcionamento das instituições burocráticas do Estado: referimo-nos, bem entendido, a tudo o que diz respeito à política, à justiça, à educação, à saúde, à segurança social, à economia e à cultura. É notório que a cultura e a educação são os espaços-tempos causais que influenciam sobremaneira a atitude dos estudantes no início do Maio de 1968, quer na erupção da liberdade e da prática de amor livre nas universidades, quer ainda na contestação da política de educação dos reitores nas

universidades francesas. Diga-se, em abono da verdade, que a ideologia política que os líderes estudantis fomentaram não estava nada identificada com a grande maioria dos esquerdistas (maoístas, trotskistas, guevaristas, castristas, etc.) e comunistas (PCF).

maio de 1968 em França e a emergência do anarquismo

Se bem que possamos equacionar o conteúdo e as formas iniciais do Maio de 1968 em França com base no movimento social de 22 de Março de 1968 que emergiu na Universidade de Nanterre-Paris X, não é menos verdade que os alicerces e os contornos de várias causalidade internas e externas já tinham sido, em parte, estruturados no seio estudantil da sociedade francesa. No campo estritamente ideológico, político e educacional há que se referir a um texto revolucionário emblemático publicado por um grupo de estudantes da Internacional Situacionista na Faculdade de Strasbourg, em 1966. De fato, a leitura do manifesto denominado *A Miséria no Meio Estudantil* depressa se transformou num meio de crítica e de subversão não só da condição-função estudantil, mas também do capitalismo e do Estado francês.

Em consonância estreita com esta crítica subversiva, ideológica, política e educacional fomentada no meio estudantil francês, na Universidade de Nanterre-Paris X, o movimento social de 22 de Março emerge e age, coletivamente, pela primeira vez, em 22 de março de 1968, conjugando a sua luta subversiva na defesa da libertação de um estudante que havia sido preso pela polícia ao manifestar-se contra a Guerra do Vietnã. Para esse efeito,

cerca de 700 estudantes convocam uma Assembleia Geral para debater e decidir sobre os assuntos que eram objeto de litígio. Simbólica e concretamente pode-se afirmar que o movimento social de 22 de Março de 1968 inicia-se com esta assembleia, porque, quer no seu conteúdo, quer na sua forma, a espontaneidade e a informalidade, assim como a auto-organização e a democracia direta, presidem e determinam a sua ação coletiva contra a burocracia das universidades e a repressão policial. A luta contra o Estado e o capitalismo, por outro lado, passou a estar na ordem do dia, sem que para o efeito fossem necessários chefes, partidos, sindicatos ou burocratas de quaisquer espécie.

Os 140 a 150 estudantes que iniciaram o movimento social 22 de Março de 1968, não obstante existirem maoístas e trotskistas, podemos-lo afirmar que na sua grande maioria eram libertários ou, por qualquer motivo, não tinham partido ou ideologia, mas identificavam-se com uma ideologia libertária difusa. De qualquer modo, importa sobremaneira destacar o impacto estruturante das ideias e práticas libertárias ancoradas na ação individual e na ação coletiva revolucionária, nomeadamente, na ocupação das fábricas e das universidades, na construção e na luta das barricadas e na sustentabilidade da greve geral.

Dando continuidade ao processo revolucionário em curso, ao final da Assembleia Geral de 22 de março de 1968, foi decidido tomar os locais físicos estratégicos do poder universitário pela sua funcionalidade e pelo seu simbolismo institucional, dando azo, depois, à elaboração de uma moção assente num caderno reivindicativo, com especial relevo para a luta contra o imperialismo, a repressão policial, a crítica da universidade e do capitalismo, alertando também para as consequências negativas do aumento da

repressão policial. Esta moção foi votada, favoravelmente, por 142 estudantes. Entretanto o diferendo entre estudantes e o poder da Universidade de Nanterre-Paris X é desbloqueado, não sem que o movimento social de 22 de Março de 1968 tenha continuado no sentido da crítica e da agitação permanente em prol da liberdade sexual e de relação social baseada na liberdade e na igualdade entre homens e mulheres.

Na criação e dinamização do movimento 22 de Março, Daniel Cohn-Bendit, Renè Riesel e Jean-Pierre-Deuteuil foram pioneiros, sendo que os princípios e práticas que defendiam estavam em sintonia com a defesa do modelo libertário e do modelo situacionista. Por razões midiáticas, Cohn-Bendit destacava-se de todos os restantes, daí que no dia 27 de abril de 1968 fosse interpelado pela polícia e, no dia 30 de abril de 1968, tornava-se objeto de um mandato judicial. Receava-se que fosse transferido para outra universidade ou fosse expulso da França. Esta foi a razão plausível que levou à realização de uma greve na Universidade de Nanterre-Paris X, com o patrocínio de anarquistas, situacionistas, juventude comunista revolucionária e outros grupos esquerdistas.

Entretanto, a agitação revolucionária era dinamizada pelo movimento 22 de Março, sendo que no dia 2 de maio de 1968 foi realizada mais uma “jornada anti-imperialista” na Universidade de Nanterre-Paris X. Nesse mesmo dia, os estudantes reclamaram locais para exibirem os seus filmes e para debaterem assuntos do seu interesse. Esta exigência impossibilitou um professor de dar o seu curso, razão suficiente para que o Ministro do Interior, Alain Peyrefitte, tenha suspenso todos os cursos na Universidade de Paris X-Nanterre.

Em função desta suspensão dos cursos, o movimento social de 22 de Março, em 3 de maio de 1968, exterioriza-se e sai dos limites da Universidade de Nanterre-Paris X, e reconfigura-se, simbólica e praticamente, como movimento social estudantil no espaço-tempo da Universidade de Sorbonne-Paris I. Esta, por sua vez, foi ocupada na sua plenitude física, funcional e institucional. Face a esta situação subversiva e caótica, o reitor da academia de Paris aciona os mecanismos para permitir a intervenção da polícia de modo a expulsar os estudantes que tinham ocupado a Sorbonne. Entretanto, passado algum tempo, pelas 17 horas dá-se a intervenção da polícia, sendo cerca de 300 estudantes aprisionados e levados para as masmorras dos carros dos polícias.

Perante esta situação generalizou-se uma atmosfera de revolta e de mal-estar junto de milhares de estudantes que entretanto tinham ocorrido ao Bairro Latino (Quartier Latin) em solidariedade para com as reivindicações do movimento social 22 de Março. Como consequência, emergem as primeiras escaramuças e afrontamentos entre a polícia e estudantes; ao mesmo tempo em que se inicia a construção de barricadas da luta contra a polícia já não só protagonizadas por libertários e situacionistas, mas também por esquerdistas de diferentes ideologias, jovens proletários marginalizados e desempregados, assim como jovens desclassificados socialmente pela sociedade vigente.

O cenário da construção das barricadas, assim como da luta que seguiu na noite de 3 de Maio de 1968 no Bairro Latino, com pedras, espingardas, bastões e gás lacrimogêneo, foi extremamente violento. O resultado desta experiência da luta entre estudantes e as forças da ordem foi extremamente negativo, já que automóveis,

vitruines de estabelecimentos comerciais e o patrimônio público foram bastante danificados, para não esquecer as estimativas que, no cômputo geral, cifraram em 481 os feridos, entre as forças da ordem e estudantes, e, ainda, 574 presos entre estes últimos. A relação entre estudantes e as forças da ordem foi progressivamente baseada em mecanismos violentos, razão pela qual se tenha permitido radicalizar a luta dos estudantes para patamares organizacionais, ideológicos e políticos contra a polícia, o Estado e o capitalismo de modo inaudito. Para os estudantes, tratava-se de extinguir cursos e matérias que serviam para a sua formação superior, mas que estavam em sintonia com os desígnios superiores da ciência capitalista e tinha, em última análise, como função exclusiva dinamizar a exploração da classe operária e do campesinato. Por outro lado, só a democracia direta com base em relações sociais informais, espontâneas e horizontais deveria orientar os processos de liderança e de decisão em qualquer organização de natureza libertária. No fundo, para os progenitores do movimento social de 22 de Março, não existe qualquer tipo de modelo de sociedade, partido ou sindicato prévio que orienta ou preside os destinos do movimento estudantil no seu todo.

Perante este cenário belicoso de consequências gravosas para a ordem social estabelecida, Daniel Cohn-Bendit, René Riesel e Jean-Pierre Duteuil são convocados no dia 6 de Maio de 1968 para comparecerem perante a Comissão dos Assuntos Contenciosos e Disciplinares da Universidade de Sorbonne-Paris I.

Esta radicalização do movimento estudantil em Paris teve dois horizontes temporais distintos. Primeiro, um de características mais radicais foi assumido, prioritariamente,

até 13 de maio de 1968 pelos estudantes de cariz libertário. Um outro momento importante surge com a eclosão da greve geral nas fábricas, campos e oficinas, entre 13 e 27 de maio de 1968, e a presença estruturante do movimento social operário equaciona a dimensão do Maio de 1968 em França não como um problema especificamente estudantil de Paris, mas também da classe operária e do campesinato, dos sindicatos e dos partidos a elas ligados. Por outro lado, não se pode escamotear o âmbito territorial do Maio de 1968 em França no que concerne às reivindicações e à solidariedade dos objetivos revolucionários vivificados depois de 3 de maio de 1968 em Paris, Nantes, Angers, Lyon, Chambéry, Rennes, Strasburg, Montpellier, Lille, Saint-Etienne, Aix-en-Provence, Clermont-Ferrand, Toulouse, Bordeaux, Marseille, etc. Sobretudo até 13 de maio de 1968 denota-se que não existe qualquer tipo de modelo de sociedade, partido ou sindicato a presidir os destinos do movimento social de 22 de Março ou do movimento estudantil no seu todo.

Com a início da greve geral em 13 de maio de 1968 envolvendo 10 milhões de trabalhadores assalariados em todo o território francês, as interdependências e as complementaridades entre os pressupostos reformistas das reivindicações das massas trabalhadoras e dos respectivos sindicatos passam a estar na ordem do dia em detrimento dos pressupostos libertários da revolução social. Os acordos de Grenelle, assinados em 27 de maio de 1968, envolvendo as cinco centrais sindicais (CGT, CFDT, FO, CFTC, FEN), as associações patronais (CNPF, PME)¹ e o governo francês da época atomizou qualquer veleidade revolucionária que aspirasse à supressão do capitalismo e do Estado. Desde que se notou uma certa pacificação das

relações entre as massas trabalhadoras, o Estado e o capital, a normalização da vida cotidiana tornou-se um fato nas empresas, nas instituições e organizações do Estado, ao ponto das greves perderem o seu impacto e se tornarem irrelevantes, ao mesmo tempo em que as manifestações dos estudantes foram perdendo, paulatinamente, sua força estruturante, conteúdo reivindicativo e simbolismo revolucionário nos primeiros dias de junho de 1968.

Esta vitória do poder instituído sobre a genuinidade do movimento social libertário que teve o seu início no dia 22 de março de 1968, generalizando-se, posteriormente, no movimento estudantil e no movimento operário francês, no entanto, foi ainda necessária para que no dia 31 de maio de 1968 os carros de combate se reagrupassem no campo de Frileuse e reocupassem os emissores da ORTF que estavam nas mãos dos revolucionários. Por outro lado, a derrota de Maio de 1968 em França no decorrer do mês de junho de 1968 foi corroborada pela utilização de processos violentos e dissuasivos policiais, nomeadamente, para desmobilizar os comitês de greve nas fábricas de Renault-Flins, em 7 e 10 de junho de 1968, em Peugeot-Montbéliard-Sochaux, em 11 de junho de 1968. No mesmo sentido, nos dias 11 e 12 de junho de 1968, no Bairro Latino, são construídas novas barricadas com o intuito de fomentar a luta contra a polícia, sendo que, desta vez, essas barricadas são construídas e dinamizadas no seu epílogo final por grupos esquerdistas.

Podemos, explicitamente, detectar os nexos de causalidade entre o que denominamos por anarquia no sentido genérico do termo, sem a interpretarmos ou vivenciarmos como um hipotético modelo, e a natureza do Maio de 1968 em França — pelo que acabo de analisar

em relação ao seu conteúdo ideológico, pragmático e simbólico singularizado no movimento social de 22 de Março, pelas características de ação individual e coletiva que estiveram na origem da ocupação dos espaços físicos e contestação do poder estatal circunscrito na Universidade de Nanterre-Paris X e Universidade de Sorbonne-Paris I, por tudo ainda que decorre da natureza auto-organizacional e autogestionária imbuída pela democracia direta, na consecução dos objetivos induzidos pelo movimento 22 de Março; por último, não podemos escamotear os dilemas históricos que estiveram na sua essência e criação no sentido da extinção do Estado e do capitalismo, na generalização da prática do amor livre e igualdade entre homem e mulher na vida cotidiana e no mundo do trabalho. Todos estes objetivos e pressupostos eram e só podem ser analisados num campo epistemológico polissêmico muito vasto e profundo, olhando para a sua plausibilidade e valor heurístico, interdependência e complementaridade com o étimo anarquia, nunca podendo analisar esta como um hipotético modelo econômico, social, político ou cultural.

No sentido amplo do termo e meramente num exercício metafórico, simbólico, ideológico e utópico, podemos extrair o que entendo por resquícios probabilísticos da anarquia como identidade, intencionalidade, motivação, emoção reportada a pulsões de vida circunscrita a tipologias de ação individual e coletiva traduzidas na criação de um conjunto de cartazes, cujas palavras de ordem se tornaram emblemáticas aquando da ocorrência do Maio de 1968 em França:

Anarquia e maio de 1968 na França

- CORRE CAMARADA CORRE, O VELHO MUNDO ESTÁ ATRÁS DE TI
- SEJA REALISTA, EXIJA O IMPOSSÍVEL
- AS LIBERDADES NÃO SE DÃO, ELAS SE TOMAM
- TOMAI OS VOSSOS DESEJOS POR REALIDADES
- É PROIBIDO PROIBIR
- AS MOÇÕES MATAM A EMOÇÃO
- O PATRÃO TEM NECESSIDADE DE TI, TU NÃO TENS NECESSIDADE DELE
- O SONHO É REALIDADE
- A BARRICADA FECHA A RUA, MAS ABRE O CAMINHO
- CADA UM É LIVRE DE SER LIVRE
- NÃO MUDEMOS DE EMPREGADORES, MUDEMOS O EMPREGO DA VIDA
- A BELEZA ESTÁ NA RUA
- SE TENS NECESSIDADE DE RECORRER À FORÇA, NÃO FIQUES NO MEIO
- TRABALHADOR, TU TENS 25 ANOS, MAS O TEU SINDICATO É DE OUTRO SÉCULO
- A IMAGINAÇÃO AO PODER!
- O TÉDIO É CONTRA-REVOLUCIONÁRIO
- EXAGERAR É COMEÇAR A EXISTIR

- MESMO SE DEUS EXISTISSE ERA NECESSÁRIO SUPRIMI-LO

- NÓS SOMOS TODOS JUDEUS ALEMÃES

- A LIBERDADE É O CRIME QUE CONTÉM TODOS OS CRIMES. ELA É A NOSSA ARMA

- NÃO É MAIS QUE O COMEÇO, CONTINUEMOS O COMBATE

- FAZEI AMOR, NÃO A GUERRA

- DESLIGUEMOS A TELEVISÃO, ABRAMOS OS OLHOS

- NÓS NÃO QUEREMOS UM MUNDO ONDE A CERTEZA DE NÃO MORRER DE FOME É TROCADA PELO O RISCO DE MORRER DE TÉDIO

- TODO O PROFESSOR É ESTUDANTE. TODO O ESTUDANTE É PROFESSOR

- UMA SOCIEDADE QUE ABOLE TODA AVENTURA, FAZ DA ABOLIÇÃO DESTA SOCIEDADE A ÚNICA AVENTURA POSSÍVEL

prolongamentos do maio de 1968 francês nas sociedades contemporâneas

As primeiras manifestações históricas que resultam do epílogo de Maio de 1968 em França, quase sempre, primaram pela descrença e negação dos pressupostos utópicos e revolucionários que indiciava. A plausibilidade da grande maioria dessas análises foi e é quase sempre sujeita a um modelo e um crivo restritivo de ideologias normativas da

democracia representativa, onde não cabem reivindicações ou mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais se não tiveram o selo da institucionalização e da normalização do Estado e do capitalismo. Com estes, em termos ideológicos, tanto faz que a hegemonia e a liderança da governação sejam realizadas por comunistas, fascistas, socialistas, social-democratas ou democratas-cristãos.

Todos estes, sem exceção, regozijaram-se com o fracasso da utopia que os estudantes, operários, desempregados, marginais e desclassificados socialmente tentaram, durante cerca de 30 dias, construir em termos de criatividade e liberdade relacional que há muito não se via na história da humanidade.

Todavia, não se pode afirmar que o substrato básico da utopia originado pelo Maio de 1968 em França seja mais frustração histórica, no que concerne à efetividade das mudanças revolucionárias. Não subsistem dúvidas de que em termos estéticos, da moral e dos costumes, as mudanças foram irreversíveis, nomeadamente nos aspectos reportados às relações entre homens e mulheres, à libertação sexual, às relações entre pais e filhos, às melhorias das condições de trabalho e regalias salariais, à contestação e às mudanças radicais nos conteúdos da estrutura curricular e pedagogia do sistema educacional francês.

Não obstante, não poderemos descurar da multiplicidade de fenômenos econômicos, sociais, políticos e culturais que formaram o movimento social de Maio de 1968 em França. Em termos das suas causas e efeitos nucleares, podemos resumir a originalidade e a centralidade utópica e revolucionária do Maio de 1968 em França com base na criação do

Centro Universitário Experimental de Vincennes, no outono de 1968. Foi uma decisão genial de Edgar Faure, Ministro da Educação Nacional do governo chefiado na altura por Maurice Couve de Murville que, por outro lado, tinha Georges Pompidou recém-eleito Presidente da República. Diga-se em abono da verdade que estas decisões políticas e outras de âmbito econômico, social e político estiveram na base da demissão do general Charles de Gaulle, presidente da República, entre 1959-1969, após referendo em que viu as suas opções políticas preteridas.

Num contexto bastante convulsivo e conflitual, a decisão do governo francês ao criar o Centro Universitário Experimental de Vincennes foi uma decisão genial porque concentrou num local bem específico as energias contestatárias e revolucionárias dos estudantes que pretendiam abolir o capitalismo e o Estado. Não era só a concentração, a visibilidade e controle à distância da energia física dos estudantes e dos professores que poderiam emergir para manifestações e criação de barricadas contra a polícia. Por outro lado, subsistia uma adesão massiva por parte de estudantes e sobretudo de professores que estavam ansiosos por refletir e analisar variadíssimas temáticas que fossem passíveis de estruturar a emancipação social do proletariado que tinha aderido massivamente a esta experiência universitária criada por Edgar Faure, mas sobretudo o dispêndio de energia mental e psíquica em análises e reflexões

Os governos tutelados por Georges Pompidou e Maurice Couve de Murville, ao permitirem deslocar e centralizar a luta dos estudantes do Maio de 1968 para a aprendizagem universitária de Vincennes, transformaram esta experiência num laboratório revolucionário experimental de utopias educacionais e pedagógicas. A

consecução prática destes objetivos foi corroborada por uma inscrição massiva de estudantes que tinham participado no Maio de 1968, assim como foi permitido o acesso direto de trabalhadores que tinham mais de 25 anos e não possuíam o ensino secundário completo. Para dar maior credibilidade científica e idoneidade moral e ética ao projeto, professores de reconhecida competência e credibilidade integraram-no desde o seu início. Entre vários, destaque-se: François Châtelet, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Michwel Deguy, Michel Foucault, Maurice Gross, Georges Lapassade, Hélène Cixous, Michel Beaud, Alain Badiou, René Schérer, Michel Serres, Robert Castel, André Miquel, Yves Lacoste, Jean Bouvier, Jean Claude Chevalley, Nicolas Ruwet, Henri Weber, Denis Guedj, Madeleine Rebérioux, Giorgio Agamben, Jacques Lacan, etc.

Eu próprio participei como trabalhador-estudante nesta experiência histórica a partir de outubro de 1970, num contexto em que a maturidade do Centro Universitário Experimental de Vincennes já tinha sido ultrapassada pela criação da Universidade de Vincennes-Paris VIII, nesse mesmo ano. Todas áreas científicas, sem exceção, com predominância para as ciências sociais e humanas, primavam pela crítica radical do capitalismo com base no paradigma marxista e, por outro lado, como a consecução da emancipação social do proletariado estava na ordem do dia, a revolução passava, inevitavelmente, pela construção do socialismo mundial.

A experiência da Universidade de Vincennes-Paris VIII como consequência direta do Maio de 1968 em França, se teve um conteúdo revolucionário efetivo, foi, sem dúvida, na natureza dos aspectos pedagógicos desenvolvidos nas salas de aulas, nas relações entre professores, alunos e funcionários.

As relações hierárquicas baseadas na autoridade formal foram quase sempre abolidas, a transmissão de conhecimentos deu lugar a uma aprendizagem generalizada entre ambos e, ao mesmo tempo, a democracia direta e a autogestão eram atributos dos professores e estudantes. Os exames e testes foram abolidos, sendo que a avaliação de cada disciplina era outorgada pela presença física e discussão de textos. A prática pedagógica da Universidade de Vincennes-Paris VIII em algumas áreas científicas era de tal modo radical que, na disciplina de Sexologia, as aulas teóricas eram, por vezes, conjugadas com experiências sexológicas entre estudantes.

Outro elemento do Maio de 1968 em França prende-se com o movimento social operário que varreu os países capitalistas desenvolvidos no final da década de 1960. Desde as greves selvagens, passando pela greve geral em Maio de 1968 na França, envolvendo quase 10 milhões de operários, fato que os operários mais desqualificados e emigrantes ultrapassaram a lógica reivindicativa normativa dos sindicatos e dos partidos políticos, pondo em causa todo o funcionamento da produção de riqueza social. As condições de trabalho, os salários mínimos paupérrimos, assim como a natureza do montante das reformas, estiveram na base da contestação social gerada pela greve geral que perdurou de 13 a 27 de maio de 1968, aquando da realização dos acordos de Grenelle assinados entre as centrais sindicais (CGT, CFDT, FO, FEN, CGC; CFCT), o patronato (CNPf, PME) e o governo liderado por Georges Pompidou.

Não obstante a greve geral de Maio de 1968 atenuar-se, drasticamente, a partir do mês de junho de 1968, ficou para a história uma melhoria substancial de 35% no SMIG (Salário Mínimo Interprofissional Garantido), assim

como um aumento de 10% no salário real médio de outras profissões, diminuição do horário semanal de trabalho e aumento mensal do montante das reformas. Por outro lado, foram criadas seções sindicais de empresas com um número mínimo de trabalhadores. Se existe alguma lição a extrair da greve geral dos trabalhadores assalariados de Maio de 1968 em França, algo de substancial nos induz a perceber como estes, saturados pela rigidez burocrática reformista dos sindicatos, procuraram emancipar-se das amarras históricas que mantinham com o patronato e o Estado. A greve geral de carácter selvagem e espontâneo, pela sua auto-organização e reivindicações radicais, teve o condão de obrigar os sindicatos, o patronato e o Estado a mudarem a sua atitude em relação ao mundo do trabalho, nomeadamente, no que concerne ao mundo das relações, dos salários, das reformas e das condições laborais.

Se bem que os prolongamentos do Maio de 1968 em França se tenham repercutido internamente no espectro político e ideológico, não é menos verdade que essa repercussão não foi linear nem tampouco pacífica. Desde logo podemos visualizar a importância da tendência libertária e situacionista, que se posicionou como uma crítica sistemática do Estado e do capitalismo e ainda perdura até hoje², e uma outra que acompanhou as vicissitudes ideológicas do maoísmo, trotskismo, castrismo e guevarismo, etc., mas que tem diminuído, progressivamente, de importância, embora ainda persista. A resultante libertária e situacionista ainda mantém uma posição crítica estruturante importante no que concerne à criação de hipóteses de um movimento social revolucionário e utópico, nada mais de que isso. Na atualidade não se vislumbra que, objetivamente, irrompa

um movimento social estudantil ou operário de carácter espontâneo e informal, baseado na democracia direta, com intuito explícito de derrubar o Estado e o capitalismo.

Se generalizarmos bem o impacto do Maio de 1968 pelos outros países, depressa chegamos à conclusão da sua enorme importância ideológica, cultural e política. Vários fatos podem e devem integrar essa noção de causalidades e efeitos. Em primeiro lugar, todos os aspectos educacionais envolvendo o conteúdo das matérias e pedagogias ministradas nas universidades, assim como todas as relações entre alunas e alunos. Em segundo lugar, a estrutura burocrática dos partidos e sindicatos e o modelo ideológico e político a eles associados. Em terceiro lugar, o questionamento sobre qual modelo de sociedade está ou estaria mais ajustado aos desígnios de emancipação social do proletariado.

Pelas leituras críticas e analíticas do Maio de 1968 em França noutros países, naqueles em que a sua incidência se revelou mais contundente, o mundo da agitação e mudança estudantil nas universidades francesas, com especial relevância na Universidade de Nanterre-Paris X, Universidade de Sorbonne-Paris I e, por último, na experiência de Vincennes, extrai-se, em síntese, um denominador comum: 1) a passagem da transmissão de conhecimentos para a aprendizagem de conhecimentos; 2) a estruturação de conteúdos curriculares balizados pela crítica radical do capitalismo e do Estado e a sua subordinação aos imperativos da emancipação social do proletariado e do campesinato; 3) relações sociais balizadas pela liberdade entre homem e mulher em todos os domínios da vida cotidiana na universidade.

Outro ensinamento não menos importante, com repercussões manifestas nos países da Europa Ocidental, mas também nos EUA, Canadá, Japão e Austrália, cinge-se à tipologia de relacionamento que as massas trabalhadoras mantinham com os respectivos partidos e sindicatos a que pertenciam. Como não existia um sindicalismo puro fora da influência dos partidos políticos, na grande maioria dos casos os sindicatos não eram mais do que correias de transmissão dos partidos políticos, como era aliás o caso dos partidos comunistas que tinham aderido às 21 condições da Internacional Comunista em 1921, em Moscou. Fosse por questões de obediência ideológica, ou por realismo reformista nas reivindicações que eram feitas ao patronato e ao Estado, a situação econômica e social das massas trabalhadoras não era objeto de melhorias substanciais. Por outro lado, os partidos políticos de ideologia comunista, desde a instauração histórica do modelo soviético em 1917 na URSS e a revolução do PCC na China em 1949, entraram num clima internacional de guerra fria ou de coexistência pacífica, razão pela qual abrandaram o ritmo pela criação de situações revolucionárias conducentes à instauração do modelo de sociedade comunista. É com base na luta espontânea e informal contra estes atavismos burocráticos, a incapacidade de decisão e de liderança dos partidos e sindicatos, que emergem as soluções dos movimentos sociais dos estudantes e dos trabalhadores, razão pela qual outros países tenham tentado ao longo dos anos copiar o processo revolucionário de Maio de 1968 em França.

Em qualquer circunstância analítica, não podemos escamotear o modelo de sociedade nuclear que esteve sempre subjacente à multiplicidade de fenômenos que corporizou o Maio de 1968 em França. Evidentemente,

se nos reportamos a este exemplo histórico, o seu prolongamento noutros países sempre foi pautado pela criação de condições e subjetivas de um tipo de sociedade socialista libertária sem capitalismo, sem patrões e sem Estado. Por se basear num tipo de socialismo anti-Estado e antipatronato, é bem evidente que os conflitos e as contradições não se resumem a estes modelos de sociedade, mas também são contrários e antagónicos dos modelos de sociedade comunistas ou socialistas existentes em China, Cuba, Vietnã, Síria, etc. Os antagonismos, contradições e conflitos também são manifestos em relação às estruturas e instituições que corporizam esses modelos de sociedade, com especial relevância para os partidos e sindicatos. O significado do Maio de 1968 em França é bastante relevante neste aspecto porque, em última instância, a razão de ser do mesmo decorreu da luta que travou contra essas estruturas.

Entre os exemplos revolucionários mais consistentes que exprimem uma continuidade histórica do Maio de 1968 em França, devemos focar as greves selvagens na Europa Ocidental (Itália, Bélgica, Polónia, EUA e Alemanha, etc.), no final da década de 1960 e princípios da década de 1970. Como modelo de sociedade socialista libertária presente em princípios organizacionais autogestionários em determinados contextos da revolução portuguesa em 1974-1975 persistem indícios genuínos do Maio de 1968 em França. Importa também realçar que a agitação política e ideológica fomentada pelos grupos esquerdistas, nomeadamente, maoístas e trotskistas, foram buscar muitos dos seus ensinamentos ao usufruto da aprendizagem do modelo revolucionário de Maio de 1968.

síntese conclusiva

Após a análise muita sumária que acabei de realizar em relação ao Maio de 1968 em França, decorridos que foram 50 anos da sua historicidade, é possível extrair quatro lições fundamentais da sua ligação/identidade com os princípios básicos da anarquia.

Essa identidade denota-se, desde logo, com o processo de criação espontânea e informal dos movimentos sociais dos estudantes e da greve geral dos operários. Quer num caso, quer noutro, o pressuposto básico da sua erupção prescindiu de qualquer decisão ou liderança de âmbito partidário e sindical, remetendo as funções clássicas destes para uma situação de subalternização contrarrevolucionária e de condicionalismo burocrático. Seja qual for a perspectiva em que nos possamos debruçar, verifica-se quão antiquados e contraditórios eram os pressupostos da ação coletiva dos sindicatos e dos partidos que aspiravam evoluir no sentido da revolução socialista e da emancipação social almejada pelo proletariado.

Uma outra familiaridade entre o Maio de 1968 em França e a anarquia é bastante visível na auto-organização e na autogestão do espaço-tempo inscrito nos princípios e práticas da ação direta que já tinham sido testadas pelos anarquistas na Comuna de Paris de 1871, na Revolução Russa de 1917, no período do comunismo de guerra, entre 1917 e 1921, sobretudo com a formação de soviets nas fábricas, o movimento Makhnovista, a insurreição de Kronstadt e a coletivizações nos campos e nas fábricas dinamizadas pela revolução social na Espanha em 1936-1939. Mais do que vivificar estas experiências históricas do passado, o Maio de 1968 atualizou-as e reconfigurou-as no sentido para que tinham sido predestinadas.

Como terceira dimensão desta síntese conclusiva importa, sobremaneira, destacar os aspectos culturais que o Maio de 1968 comporta no que diz respeito a vida cotidiana dos indivíduos, nomeadamente, em tudo o que se reporta aos valores, à estética, à moral, aos costumes, à atividade artística, envolvendo relações de liberdade e criatividade entre homem e mulher, relações sexuais e relações entre a espécie humana e as demais espécies animais e vegetais. Persiste nestes domínios o que de mais radical foi realizado pelo Maio de 1968 e, também, o que de mais profundo foi conseguido no sentido da consecução prática da anarquia, no que concerne à liberdade e à criatividade da vida humana em termos da sua psiquê, da sua mente e do seu corpo.

Finalmente, como última dimensão da identidade e das relações entre o Maio de 1968 em França e a anarquia, devemos sublinhar a crítica radical que é feita ao Estado e ao capitalismo, não esquecendo aquela que é feita também ao socialismo que perdurava como modelos sociais hegemônicos na URSS e na China. Neste sentido, a crítica à atividade improdutiva, repressiva e burocrática do Estado a partir das suas múltiplas funções, estruturas e instituições era, por outro lado, acompanhada pela crítica da escravidão salarial exercida pelo capitalismo sobre as massas trabalhadoras. Partindo desta perspectiva, não havia qualquer espaço para mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais envolvendo reformas ou processos reivindicativos para manutenção do Estado e do capitalismo. O sinal de Maio de 1968 no sentido da anarquia implica, assim, que nem o Estado, nem o capitalismo, nem o socialismo real, tal como existem, são coadunáveis com a emancipação social da espécie humana.

Notas

¹ CGT (*Confédération Générale du Travail*), CFDT (*Confédération Française Démocratique du Travail*), FO (*Force Ouvrière*), CFTC (*Confédération Française des Travailleurs Chrétiens*), FEN (*Fédération de l'Éducation nationale*), CNPF (*Conseil National du Patronat Français*), PME (*Petites et Moyennes Entreprises*), ORTF (*L'Office de Radiodiffusion-Télévision Française*).

² Claire Auzias. *Trimards – “Pègre” et mauvais garçons de Mai 68*. Lyon, Atelier de Création Libertaire, 2017.

Resumo

O artigo apresenta uma análise acerca dos movimentos estudantis e operários com os quais se iniciou o que ficou conhecido como Maio de 1968, na França, indicando as procedências de muitas de suas práticas nos princípios da anarquia. Aponta a radicalidade das críticas ao Estado e ao capitalismo tecidas naquele momento, acenando também para sua pertinência nos dias atuais.

Palavras-chave: Maio de 1968, anarquia, França.

Abstract

This article presents an analysis of students and workers movements that had started what is known as the May 1968 event in France. It indicates that many of those practices arose from the principles of anarchy; points out the radical criticisms against the State and Capitalism in that moment and its relevance today.

Keywords: May 1968, anarchy, France.

Anarchy and May 1968 events in France, José Maria Carvalho Ferreira.

Recebido em 2 de março de 2018. Confirmado para publicação em 7 de maio de 2018.